



# Patrícia Moreira contra "noventa milhões em ação"? Racismo e antirracismo no futebol brasileiro

## Patrícia Moreira against "ninety million in action"? Racism and anti-racism in Brazilian Football

Luciana Garcia de Mello<sup>1</sup>  
lucianag.demello@gmail.com

### Resumo

*Nos últimos anos multiplicam-se os ataques racistas a jogadores de futebol, o que parece indicar a banalização do racismo. Esse fenômeno sempre foi um tabu, dificultando a sua percepção enquanto problema social e, conseqüentemente, a definição de estratégias para combatê-lo. A partir de um episódio envolvendo o goleiro Aranha, esse artigo tem por objetivo refletir em que medida esses casos que tiram a ideia de democracia racial da zona de conforto têm potencial para promover o antirracismo. Utilizou-se como objeto de análise o discurso de dois atores envolvidos no fato em questão – o Grêmio Futebol Porto Alegre e a torcedora Patrícia Moreira, que tinham por meta, respectivamente, promover o antirracismo no futebol e esquivar-se da acusação de racismo. É possível afirmar que o antirracismo esbarra na desqualificação do racismo e no reforço da ideologia da mistura e da indistinação racial.*

**Palavras-chave:** racismo; antirracismo; democracia racial; futebol.

### Abstract

*In recent years, racist attacks on football players have multiplied, which seems to indicate the trivialization of racism. This phenomenon has always been a taboo, making it difficult to perceive it as a social problem and, consequently, the definition of strategies to combat it. Based on an episode involving goalkeeper Aranha, this article aims to reflect to what extent these cases that take the idea of racial democracy out of the comfort zone have the potential to promote anti-racism. The discourse of two actors involved in the event in question – Grêmio Futebol Porto Alegre and supporter Patrícia Moreira – was used as the object of analysis, whose goal was, respectively, to promote anti-racism in football and avoid the accusation of racism. It is possible to say that anti-racism comes up against the disqualification of racism and the reinforcement of the ideology of racial mixing and indistinction.*

**Keywords:** racism; anti-racism; racial democracy; football.

<sup>1</sup> Professora Doutora do departamento de sociologia da UFRGS e do Programa de Pós Graduação em Sociologia da UFRGS. E-mail: lucianag.demello@gmail.com

## Apresentação

Em 28 de agosto de 2014, na capital gaúcha Porto Alegre, Grêmio Futebol Porto-Alegrense e Santos disputavam uma partida de futebol pela Copa do Brasil. Aos 42 minutos do segundo tempo, a disputa foi interrompida por solicitação de Mário Lúcio Duarte Costa, goleiro da equipe santista mais conhecido como Aranha. Motivo: a torcida do Grêmio estava ofendendo o jogador com atos racistas. Os insultos vinham de um grupo de torcedores, que podem ser divididos entre os que chamavam Aranha de macaco e os que imitavam o quadrupede irracional com o claro objetivo de ofender o goleiro. Ao interpelar a imprensa local para que filmasse os agressores, Aranha não obteve êxito. Também não encontrou respaldo à sua reclamação junto ao juiz da partida, Wilton Pereira Sampaio, que ainda censurou o atleta, alegando que ele estava insultando a torcida. O juiz referia-se ao fato de o goleiro voltar-se para a torcida adversária e bater no peito gritando: "sou preto, sou negro, sim!".

Esse é o início da saga que Aranha vivenciou em busca de reparação contra os atos de injúria racial<sup>2</sup> de que foi alvo. O árbitro da partida não fez qualquer menção a esse acontecimento na súmula do jogo, mas emissoras de televisão exibiram imagens que flagravam torcedores do Grêmio insultando o atleta santista. A repercussão nas redes sociais foi imediata e diversas pessoas começaram a postar notas de repúdio à injúria racial e mensagens de apoio ao goleiro<sup>3</sup>. Dirigentes do Grêmio logo trataram de emitir nota, condenando o ato racista e prometendo punir os torcedores identificados pelas imagens. Nas semanas que se seguiram, o clube intensificou a campanha "O Grêmio é azul, preto e branco", que faz alusão tanto às cores do time quanto à composição étnica dos seus jogadores e torcedores.

A reação de repúdio aos insultos raciais suscitada pelo caso Aranha poderia facilmente nos levar a considerar que essa agressão foi um acontecimento isolado e que não nos permite compreender a verdadeira natureza das relações raciais em nosso país. Muitos<sup>4</sup> argumentariam (e argumentaram) que sequer os próprios agressores são de fato racistas, como acusou o goleiro Aranha. Uma das personagens centrais desse acontecimento é a torcedora Patrícia Moreira<sup>5</sup>. Durante dias diversas emissoras de televisão exibiram a imagem de Patrícia na arquibancada do Grêmio, tornando possível, através de leitura labial, constatar

que ela gritava a palavra macaco para o goleiro. Patrícia teve sérios prejuízos: perdeu o emprego, teve sua casa incendiada e, enfim, teve que se exilar do mundo, evitando passeios e encontros com amigos e mesmo as redes sociais. Todavia, os constantes insultos, xingamentos e até ameaças fizeram com que Patrícia fosse paulatinamente se afastando da posição de algoz e se tornando vítima.

Esse episódio tem importância ímpar para a compreensão das relações raciais no Brasil. Focalizando esse caso específico, procura-se evidenciar como a regra de cordialidade e a ideia de democracia racial são rapidamente acionadas para limitar o alcance do antirracismo no Brasil. Para tanto, utilizou-se como objeto de análise o discurso de dois atores envolvidos no fato em questão – o Grêmio Futebol Porto Alegre e a torcedora Patrícia Moreira, que tinham por meta, respectivamente, promover o antirracismo no futebol e esquivar-se da acusação de racismo. A nosso ver, o ato de Patrícia é exemplar para refletirmos sobre o modo como se desconstrói a ideia de racismo em nossa sociedade, fortalecendo a imagem de que em nosso país esse fenômeno não tem espaço.

Esse artigo inicialmente coloca em discussão o racismo no futebol e, em seguida, apresenta uma reflexão sobre o espaço do antirracismo, a partir do caso concreto que envolveu o goleiro Aranha.

## O racismo e a emergência de uma "pátria amada de chuteira"

Na sociedade moderna, o desenvolvimento do esporte está vinculado tanto à expansão do sistema capitalista quanto a construção do Estado Nação. Se, no final do século XIX e início do século XX, o futebol ainda estava restrito às elites sociais, a partir desse período, cada vez mais ele começa a se tornar um esporte de massa. No caso inglês, os movimentos socialistas operários foram os protagonistas dessa massificação. Todavia, tão logo ela ocorreu, os comerciantes burgueses passaram a organizar e a dirigir os clubes (GEBARA, 2002). A organização dos esportes em moldes capitalista foi se tornando a regra, mesmo em práticas que alcançaram grande popularização e se voltaram para as massas, tal como o futebol.

A ideia de nação, elemento crucial para a legitimação do Estado Moderno, também utilizou o esporte como artifício para

<sup>2</sup> De acordo com o Código Penal, artigo 140, parágrafo 3º, quando o ato de ofender a dignidade ou decoro de alguém estiver acompanhado de referências à cor, à raça ou à etnia, tem-se a injúria racial. O caso do goleiro Aranha foi tipificado como injúria racial e não como racismo, como discutiremos mais adiante nesse artigo.

<sup>3</sup> A esse respeito ver: Racismo contra goleiro santista na Arena gera revolta nas redes sociais. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/esportes/noticia/2014/08/racismo-contra-goleiro-santista-na-arena-gera-revolta-nas-redes-sociais-cj5vp6p510ng0xbj0eydkg9kf.html> Acesso em: 10 de junho de 2020.

<sup>4</sup> Faz-se referência ao discurso tanto da mídia quanto das redes sociais.

<sup>5</sup> Na ocasião, Patrícia Moreira tinha 23 anos e trabalhava como auxiliar de saúde bucal. Classificava-se como sendo de classe social baixa, isto é, pobre. Com a divulgação do caso Aranha, Patrícia teve sua casa incendiada e apedrejada.

inventar tradições e imaginar a comunidade<sup>6</sup>, isto é, produzir símbolos de identificação coletiva e fomentar a ideia de cultura comum. Desse modo, o esporte tem papel ativo na produção da nação e a sua essência está na "(...) ideologia democrática típica de uma sociedade que precisa cultivar um ideal humanitário (liberdade, igualdade e fraternidade) e, ao mesmo tempo, velar suas estruturas de classe e mecanismos de dominação (BROHM in PRONI, 2002, p. 39-40)."

Uma vez que o futebol é um esporte coletivo, ele permite projetar uma representação comum na equipe e não em um atleta individual. Assim, "(...) a imaginária comunidade de milhões parece mais real na forma de um time de onze pessoas com nome. O indivíduo, mesmo aquele que apenas torce, torna-se o próprio símbolo de sua nação" (HOBSBAWM in FRAGA, 2011, p.3). Também é preciso sublinhar que a identificação coletiva com o futebol é permanente e não se restringe aos momentos de vitória e de derrota (GUEDES, 1998). Isso é verdadeiro tanto para as seleções nacionais quanto para os times específicos. A lealdade é uma das obrigações presentes no universo futebolístico: não pega bem "virar a casaca", isto é, trocar de time.

Na década de 1930, intelectuais e políticos brasileiros que tinham por objetivo criar e difundir a ideia de que o nosso povo representava a mistura das três raças – pretos, brancos e índios – utilizaram o futebol como instrumento para projetar a integração simbólica da população negra no Brasil. Assim, esse esporte constituiu-se num dos pilares para Gilberto Freyre disseminar no senso comum o sentimento de pertença à uma nação mestiça e, ao mesmo tempo, difundir o mito da democracia racial.<sup>7</sup> No prefácio de *Sobrados e Mucambos*, publicado originalmente em 1949, o autor sublinhou a ascensão social dos mulatos, adotando como exemplo os atletas de futebol (MARANHÃO, 2006, p. 440). Ainda de acordo com Maranhão (2006), a Copa do Mundo de 1938 foi um episódio singular para o estabelecimento de uma relação entre as teorias raciais de Gilberto Freyre e o futebol. A seleção enviada para a França representaria o verdadeiro povo brasileiro, dado que contava com atletas brancos, negros e mulatos. O desempenho positivo desses atletas foi tomado como evidência da superioridade racial do brasileiro. Naquela ocasião, Gilberto Freyre realizou uma descrição da seleção brasileira a um jornal nos seguintes termos:

*[...] O nosso estilo de jogar futebol me parece contrastar com o dos europeus por um conjunto de qualidades de surpresa, de manha, de astúcia, de ligeireza e, ao mesmo tempo, de brilho e de espontaneidade individual em que se exprime o mesmo mulatismo de que Nilo Peçanha foi até hoje a melhor afirmação na arte política. Os nossos passes, os nossos pítus,*

*os nossos despistamentos, os nossos floreios com a bola, há alguma coisa de dança e de capoeiragem que marca o estilo brasileiro de jogar futebol, que arredonda e às vezes adoça o jogo inventado pelos ingleses e por eles e por outros europeus jogado tão angulosamente, tudo isso parece exprimir de modo interessantíssimo para os psicólogos e os sociólogos o mulatismo flamboyant e, ao mesmo tempo, malandro que está hoje em tudo que é afirmação verdadeira do Brasil (FREYRE in MARANHÃO, 2006, p. 441).*

Como se pode evidenciar, há uma exaltação do jogador brasileiro e de suas qualidades "tipicamente" nacionais e, ao mesmo tempo, busca-se estabelecer um paralelo entre esses atletas e o restante da população do país.

Seguindo abordagem bastante semelhante à de Gilberto Freyre, Mário Filho publicaria em 1964 a obra "Negro no futebol brasileiro". Como explica Soares (2001), a visão desse autor é bastante próxima a de outros intelectuais e artistas da época, que estavam influenciados pela crença de que o Brasil passaria da escravidão para a integração racial, através da mestiçagem, caldeamento, amálgama ou conciliação. A singularidade da nação brasileira e, sobretudo, do povo brasileiro estaria no fato de que aqui o racismo poderia ser superado. Percebe-se, portanto, que mais uma vez em termos ideológicos a construção da nação passava pela negação e/ou superação do racismo. Esse fenômeno não poderia ter lugar em um país que precisava se pensar coletivamente, isto é, constituir-se enquanto povo.

Assim, Mário Filho (1964) narra a história do futebol em três etapas. Primeiramente, o autor apresenta uma crítica ao caráter elitista do futebol e a exclusão dos negros. Em seguida, argumenta que apesar da separação entre brancos e negros e entre ricos e pobres, os negros das camadas populares também foram socializando-se através do futebol, fazendo com que a hegemonia dos brancos fosse ameaçada. Por fim, revela que houve um processo contínuo em que os estratos inferiores da sociedade foram se apropriando do futebol e, ao mesmo tempo, ocorreu um processo de democratização e integração racial dos jogadores negros nos clubes de futebol. Se por um lado, o livro menciona as disparidades entre brancos e negros e o preconceito racial; por outro, o autor concluiu que houve uma democratização no espaço do futebol e que nessa área já não havia racismo. Todavia, como alerta Soares, na segunda edição do livro, publicada em 1964, a ideia de realização final da democracia racial é posta em xeque pelo próprio autor, que traz à tona a persistência do preconceito e das desigualdades.

Uma das explicações para a persistência do racismo, do preconceito e das disparidades entre brancos e negros está no

<sup>6</sup> Com a emergência dos Estados-Nação não apenas se tornou necessário possuir um território físico delimitado, mas também possuir um povo. Contudo, somente "por um impulso forte para formar um "povo" é que os cidadãos de um país se tornaram uma espécie de comunidade, embora uma comunidade imaginada, e seus membros, portanto, passaram a procurar (e consequentemente a achar) coisas em comum, lugares, práticas, personagens, lembranças, sinais e símbolos" (HOBSBAWM, 1990, p. 111).

<sup>7</sup> Ainda que a ideia de democracia racial já viesse sendo construída mesmo antes dos trabalhos de Gilberto Freyre, essa expressão só surgiria mais tarde, nos anos 1970, tornando-se um dos lemas do regime militar (TELLES, 2003, p. 57).

significado social do futebol. O esporte, notadamente pela sua própria natureza espetacular e pela sua relativa facilidade de penetração social, torna possível uma série de operações práticas, tais como formar opinião pública, ditar regras de comportamento, difundir normas e valores sociais, entre outros. Retomando Jean-Marie Brohn, Proni (2002) explica que o simbolismo esportivo ajuda a outorgar um estatuto social imaginário. O campeão de uma determinada modalidade de esporte tem importância crucial nesse processo. Ele não apenas assegura a promoção do espetáculo esportivo, mas também se torna um modelo de comportamento, de esforço, de superação e, enfim, passa a personificar o sucesso. Desse modo, o campeão é o veículo da integração social, estabelecendo um vínculo entre as massas e o Estado – e, também, é um porta-voz do prestígio do país no cenário internacional. Se o campeão provoca a identificação, em sentido contrário, o perdedor provoca a repulsão. O campeão representa a nação como um todo; já o perdedor pode ser interpretado como o obstáculo dessa nação, isto é, aquilo que impede a sua realização final. Nesse sentido, é inerente à lógica dos esportes coletivos identificar e separar os responsáveis por uma derrota.

Faz-se necessário igualmente retomar DaMatta (1982) para compreender que o futebol é um dos modos específicos pelo qual a sociedade fala, apresenta-se, revela-se, deixando-se descobrir.<sup>8</sup> No processo de transformação do futebol em esporte nacional alguns elementos tiveram que ser recalçados, tais como o uso de pó-de-arroz no Fluminense para esconder a cor do atleta Carlos Alberto ou a rejeição de equipes de futebol em aceitar jogadores negros. Também é importante sublinhar que a integração dos negros no futebol não impediu que a derrota na Copa de 1950 para a seleção uruguaia no Maracanã – o famoso “Maracanaço” – tenha propiciado um recrudescimento do racismo. Como explica Soares (2016), esse episódio, tendo por referência depoimentos de pessoas comuns e da imprensa especializada, gerou um sentimento coletivo de morte. Isso fez com que vários autores tenham associado a ideia de morte coletiva a ideia de racismo. O goleiro Moacyr Barbosa, atleta negro, foi considerado o grande responsável pelo vice-campeonato brasileiro, conforme Ribeiro (2015). Não apenas a linguagem da mistura e a ideia de ausência de distinção social entre as raças no Brasil foram abaladas, mas também se criou a partir daí o mito racista do goleiro negro. Desde então, houve uma forte discriminação de candidatos negros a essa posição nos clubes de futebol brasileiro e na seleção. Ribeiro sublinha que somente em 2006, ou seja, após mais de 50 anos, o Brasil voltou a ter um goleiro negro como titular – o atleta Nelson de Jesus da Silva, conhecido como Dida. Isso revela, ainda conforme Ribeiro, a força do estereótipo racial, pois o que ocorreu com Barbosa não se restringe apenas a ele, mas a várias gerações de goleiros negros.

Para além desses fatores, deve-se levar em consideração ainda dois elementos: a relação torcedor-clubes e a prática pedagógica que se processa nos estádios de futebol. Quando um indivíduo faz a opção por um clube de futebol, ele passa a pertencer a esse clube, que possui um time que está sempre em competição com outras equipes, que são definidas por adversários (DAMO, 2002). Esse processo de erigir barreiras e estabelecer separações entre o meu time versus o time dos outros tem o nítido objetivo de inferiorizar e afirmar a própria supremacia, abrindo assim espaço para a racialização. Além disso, ainda que as partidas de futebol sejam apresentadas como espetáculo, esses jogos não são apenas formas de lazer e de entretenimento e nesse sentido, DaMatta (1982) tem razão ao criticar a ideia de futebol como ópio do povo. Bandeira (2010) mostra que os estádios de futebol possuem uma pedagogia, que diz respeito a um processo de aprendizagem necessário para que os sujeitos possam ser introduzidos na cultura desses espaços. “É necessário aprender quando gritar, quando calar, o que gritar, o que calar, o que e como sentir...” (BANDEIRA, 2010, p. 344). O autor observa a existência de um currículo – isto é, um conjunto de práticas que são sugeridas ou mesmo exigidas – para que o sujeito possa nomear-se e ser nomeado torcedor de futebol num determinado espaço. Como em uma guerra, é necessário aprender a desestabilizar, a ofender, a humilhar, enfim, a inferiorizar o adversário, daí mais uma vez a importância do racismo.

Como explica Van Dijk (2008, p. 15), a maioria dos membros dos grupos dominantes, e acrescentaríamos as pessoas de um modo geral, aprendem a ser racistas com seus pais, seus pares, com os meios de comunicação de massa, na escola, entre outras possibilidades, tais como a observação diária e a interação em sociedades multiétnicas. De acordo com o autor, esse aprendizado é possibilitado pelas formas de texto e de fala disponíveis em uma ampla variedade de eventos comunicativos. Os jogos entre Grêmio e Internacional, bem como a relação que existe entre a torcida dessas suas equipes, são paradigmáticos. No imaginário social o Grêmio não apenas é um time racista, mas também um time de elite; já o internacional é visto como um time popular, em que há igualdade entre brancos e negros e quiçá um predomínio desses últimos entre os torcedores. Isso nos leva a afirmar que dificilmente pode haver algo mais didático do que cantar, repetidas vezes durante as partidas desses dois times, músicas que apresentam quase que invariavelmente o insulto macaco, macaco imundo, macacada, entre outros.

Há um discurso que organiza as relações raciais no Brasil que tanto acentua a cordialidade e a indistinção social dos grupos quanto atua na construção de uma identidade deturpada e estereotipada da população negra, acionando uma série de insultos, tais como macaco, senzala, entre outros. No caso dos cânticos da torcida gremista, ora apela-se para a sujeira ora

<sup>8</sup> Deve-se destacar que DaMatta retoma o conceito de fato social total, elaborado por Marcel Mauss, para analisar e interpretar o futebol. Desse modo, o autor considera que o futebol pode ser visto como uma instituição capaz de juntar várias esferas da vida social, sendo, portanto, um fenômeno que atua em vários níveis da realidade social.

para um comportamento sexual tido como desviante. Esse discurso permite compreender o porquê do caso do goleiro Aranha ser igual ao de tantos outros jogadores. Em 2014, Neymar foi insultado por torcedores do Barcelona, que fizeram sons de macaco para protestar contra a sua atuação pela equipe; o brasileiro Daniel Alves, também jogador do Barcelona, foi vítima da torcida do VillaReal, que atirou bananas para dentro do campo em direção ao jogador; em Mogi Mirim, o jogador da equipe santista Arouca também foi chamado de macaco, após sua equipe ter sido goleada por 5 a 2; o mesmo ocorreu com Paulão do Internacional, Paulo César Tinga do Cruzeiro e tantos outros que ou foram chamado de macaco ou ouviram sons de macaco que vinham das arquibancadas dos estádios de futebol.

Essa multiplicidade de casos de racismo no futebol nos remete à questão se realmente é possível promover a integração social dos negros a partir do futebol. De forma mais específica, questiona-se se nesse espaço social pode de fato emergir um antirracismo; tema que será abordado na etapa seguinte.

## O antirracismo entre “desculpas” e “somos todos mestiços”

No episódio que envolveu o goleiro Aranha, em uma tentativa de reverter o episódio de injúria racial tivemos, de um lado, a torcedora Patrícia Moreira, pedindo desculpas e procurando justificar sua ação; de outro, o clube de futebol – ou de modo mais específico seus dirigentes – reforçando a ideia de que o racismo é algo inaceitável naquela instituição.

Para realizar a análise utilizou-se uma única declaração que Patrícia Moreira fez em uma entrevista coletiva<sup>9</sup>. O trecho de fala selecionado refere-se ao início da entrevista. Quanto ao Grêmio Futebol Porto-Alegrense, a principal ferramenta utilizada para combater o racismo é uma peça publicitária disponibilizada em diversas redes sociais e no site do clube<sup>10</sup>. Esse vídeo foi integralmente transcrito para fins de análise. Em ambos os casos, tendo por referência teórica a abordagem foucaultiana, utilizou-se a análise de discurso para focalizar tanto os enunciados e relações que a fala desses atores colocam em funcionamento; quanto as suas condições de possibilidade. Desse modo, a análise de discurso que será apresentada a seguir tem por objetivo:

*[...] não mais tratar os discursos como conjunto de signos (elementos significantes que remetem a conteúdos ou a representações), mas como práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam (FOUCAULT, 1986, p. 56).*

Busca-se também refletir como esses dois atores, ou mais especificamente suas falas, atuam na produção da subjetividade

de seus interlocutores mais diretos e da sociedade geral, produzindo um entendimento sobre o racismo e sobre o antirracismo.

## O pedido de desculpas de Patrícia Moreira

Poucos dias depois da partida de futebol, e após a prestação de queixa de racismo realizada pelo goleiro Aranha, a torcedora Patrícia Moreira apareceu aos prantos em uma entrevista coletiva, para fazer uma declaração em que pedia perdão ao goleiro e afirmava veementemente não ser racista. A fala de Patrícia, que esteve acompanhada durante todo esse momento por seu advogado, é apresentada a seguir.

*Boa tarde, eu quero pedir desculpas para o goleiro Aranha, desculpa mesmo, perdão de coração. Não sou racista. Aquela palavra macaco não foi racismo da minha parte. Não teve intenção racista. Foi no calor do jogo, o Grêmio tava perdendo. O Grêmio é minha paixão. Minha paixão mesmo. Eu vivi sempre indo ao jogo do Grêmio. Sempre. Largava tudo pra ir no jogo do Grêmio. Peço desculpas pro Grêmio, pra nação tricolor, não queria nunca prejudicar o Grêmio. Eu amo o Grêmio. Desculpas para o Aranha. Perdão, perdão, perdão mesmo (LOPES, 2014).*

O que se quer chamar a atenção é que o discurso de Patrícia traz um conjunto de enunciados produzidos a partir de uma posição específica. Nesse sentido, e retomando Foucault (1986), busca-se primeiramente explicitar o lugar de enunciação desse discurso, isto é, determinar qual é a posição que Patrícia precisa necessariamente ocupar para ser sujeito do conjunto de enunciados contidos na entrevista. É importante ressaltar que os enunciados constituem os elementos de apoio de uma formação discursiva, sendo definidos por Foucault (1986, p. 135) como “função de existência”. Eles se relacionam a um acontecimento ou a um “fazer ver” e, portanto, estão apoiados em um conjunto de signos e palavras que atuam na produção e reprodução de normas e regras sociais. Consequentemente, não se trata necessariamente de analisar a relação entre o ator e aquilo que foi dito (ou quis dizer), mas a posição que esse indivíduo pode e deve ocupar para ser sujeito do discurso (FOUCAULT, 1986, p. 109). O sujeito do discurso “fala e faz falar”, isto é, estabelece inúmeras relações de poder-saber que instituem um regime de verdades em relação a determinadas coisas.

Cumpramos sublinhar o fato de que quem fala nessa entrevista não é uma pessoa singular, mas sim uma torcedora apaixonada. É a partir desse lugar de enunciação que são feitas as afirmações: “o grêmio é minha paixão”; “eu amo o Grêmio”. Patrícia representa, ao mesmo tempo, todo e qualquer torcedor e também todo e qualquer apaixonado. Desse modo, ela faz apelo

<sup>9</sup> É importante mencionar que Patrícia Moreira evitou ao máximo aumentar sua exposição e, desse modo, não concedeu entrevistas para a mídia e saiu das redes sociais.

<sup>10</sup> Vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1niPdWbxW7Q>. Acesso em 30 de maio de 2020.

e busca a compreensão de um número considerável de pessoas. Em nossa sociedade, não são poucos os que fazem atos de loucura pelo seu time do coração. Todos os anos, por exemplo, a mídia apresenta casos de torcedores que cometem atos extremos para acompanhar suas equipes no Mundial de Clubes. Em 2006, quando o Internacional participou da disputa que ocorreu no Japão, um homem antecipou a cesariana da mulher em dois dias para que tivesse tempo para realizar a viagem; outro indivíduo vendeu bens pessoais (PERETTI, 2007). Casos semelhantes foram noticiados quando outras equipes participaram do Mundial. Para além disso, um público ainda mais vasto que é acionado no discurso de Patrícia é o de apaixonados.

Dando prosseguimento à análise e focalizando o discurso propriamente dito – isto é, a entrevista de Patrícia – procurou-se identificar os atos de fala presentes na declaração da torcedora. Esse procedimento tem como pressuposto que “as expressões são produtoras de efeitos que as transcendem. Ou seja, são capazes de “fazer coisas” (IÑIGUEZ, 2004, p. 89). Basicamente, Patrícia realiza quatro atos de fala: desculpa-se, defende-se, justifica-se e declara-se. O quadro 1 apresenta uma sistematização da análise:

Em primeiro lugar, percebe-se que a fala utilizada na entrevista é formal e protocolar. Patrícia mostra adesão explícita às regras das relações raciais no Brasil e afirma: “não sou racista”. Assim, o modo de ação da torcedora e de seu advogado diante do incidente é o mais usual na sociedade brasileira: fugir da definição de si próprio como racista. Como já identificado alhures pelo campo de estudo das relações raciais, o brasileiro tem preconceito de ter preconceito e todo o brasileiro sabe que ser racista não é bom. A Folha de São Paulo realizou em 1995 uma pesquisa sobre o preconceito de cor entre os brasileiros e “1) apesar de 89% dos brasileiros dizerem haver preconceito de cor contra negros no Brasil, 2) só 10% admitem ter um pouco ou muito preconceito(...)” (RODRIGUES, 1998, p. 11). Rodrigues informa que os mais de cinco mil entrevistados sabiam que ser racista não é “bom”. O fato das pessoas comumente não se definirem como racista constitui um importante obstáculo para a adoção de ações concretas, uma vez que não permite abordar o problema de modo claro e objetivo. Frequentemente, ao invés de se colocar em discussão, sobretudo, as implicações do racismo; debate-se a ocorrência ou não desse

fenômeno em cada caso concreto, negando a sua existência enquanto problema estrutural.

Nesse episódio, além de buscar se esquivar da acusação de racismo, a torcedora realizou um pedido de desculpa e procurou justificar o seu ato. O pedido de desculpas revela o reconhecimento de uma ação errada, a certeza de que cometeu um equívoco. Há uma clara divergência entre o ato de Patrícia e as normas de cordialidade que regem as relações raciais no Brasil e que constituem um dos pilares fundamentais da propalada ideia de democracia racial. Isso talvez explique a tentativa de tratar o caso como um deslize, um episódio isolado, que não representa a regra das nossas relações raciais. Também representa um ato individual, cuja culpa deve recair exclusivamente sobre a torcedora. Como se observa na entrevista, não há qualquer tentativa de socialização da culpa. Destaca-se, por exemplo, que em nenhum momento a torcedora menciona que outros torcedores também ofenderam o goleiro e/ou que isso é comum entre a torcida gremista. Desse modo, o pedido de desculpas é feito não apenas para o goleiro Aranha, vítima das ofensas, mas também para a nação tricolor.

Na sequência aparece a justificativa, algo fundamental, dado que a torcedora se diz não racista e precisa argumentar em favor dessa afirmação. Soma-se a isso o fato de que Patrícia foi flagrada em uma ação que corre o risco de ser alvo de condenação social. Constata-se que a fala de Patrícia notadamente volta-se para uma fuga dessa condenação. A explicação para o seu modo de ação está no contexto: “foi no futebol”; “foi no calor do jogo”. Busca-se o apoio da ideia partilhada no senso comum de que não existe racismo no futebol. Fica explícito que se busca uma restrição da ação; esse não é o comportamento usual de Patrícia. O ato de insultar alguém o chamando de macaco apenas se tornou possível naquele espaço e naquele momento específico em que o time do coração estava perdendo uma partida importante. Na entrevista, Patrícia inclusive desnaturaliza o uso do insulto, introduzindo a expressão “aquela palavra” antes do termo macaco. Esse insulto passa a soar de forma estranha para a torcedora e fica difícil repeti-lo, uma vez que ela já não está no estádio de futebol. Essa desnaturalização limita a inteligibilidade do termo, negando o seu uso corriqueiro para insultar as pessoas negras.

**Quadro 1** – Análise de discurso: atos de fala e expressões

Atos de fala	Expressões
Desculpa	Eu quero pedir desculpas para o goleiro Aranha, desculpa mesmo, perdão de coração. Peço desculpas pro Grêmio, pra nação tricolor (...)
Defesa	Não sou racista. Aquela palavra macaco não foi racismo da minha parte.
Justificativa	Não teve intenção racista. Foi no calor do jogo, o Grêmio tava perdendo.
Declaração	O Grêmio é minha paixão. Minha paixão mesmo. Eu vivi sempre indo ao jogo do Grêmio.

Fonte: elaboração da autora.

É possível interpretar, a partir do discurso de Patrícia, que no limite o insulto macaco é válido somente para o goleiro Aranha e não se trata de racismo. A propósito é essa a interpretação usual da justiça. Em 1989, foi criada a Lei 7716/1989 de autoria do ex-vereador e advogado Carlos Alberto Caó Oliveira dos Santos – conhecida como Lei Caó – que tipifica o crime de racismo. Nos termos dessa lei racismo consiste em impedir, recusar, colocar obstáculos para que pessoas tenham acesso ao mercado de trabalho, a estabelecimentos comerciais, a escola, entre outros, tendo por motivação discriminação ou preconceito de raça, cor, religião ou procedência nacional. De acordo com esse dispositivo legal também constitui crime de racismo praticar, induzir ou incitar a discriminação ou preconceito pelos mesmos motivos. Ocorre que essa lei é de difícil aplicação, dado que na maioria das vezes a discriminação ocorre de forma velada e os acusados tendem a se definir como não racistas. Já a injúria racial está prevista no artigo 140 do Código Penal e trata-se de um crime contra a honra pessoal que se vale de elementos relacionados à raça, cor, etnia, religião ou origem. A disputa que ocorre no sistema judiciário diz respeito justamente a interpretação dos casos concretos de discriminação. Para que um insulto ou ofensa seja considerado racismo é necessário que haja o entendimento jurídico de que ele ofende todo o grupo, isto é, provoca uma depreciação de toda uma raça ou etnia. Em geral, como no caso do goleiro Aranha, compreende-se que se trata de uma ofensa individual.

A paixão pelo time gremista também é um dado relevante: "o Grêmio é minha paixão"; "eu amo o Grêmio". Recorre-se novamente ao bom senso dos amantes do esporte bretão para que se faça reconhecer que sentimentos como o amor e a paixão nos conduzem a atos impensados e irracionais. Nesse ato, a torcedora realiza uma classificação do jogador identificando-o como um animal primata, deixando transparecer uma representação pejorativa do mesmo. O próprio insulto macaco tem por objetivo inferiorizar o outro e, simultaneamente, serve para criar e manter uma rede de significados que vão se institucionalizando. Diga-se de passagem, que esse termo é uma referência quase obrigatória no discurso racista cotidiano, isto é, ofender os indivíduos negros chamando-os de macaco é algo que faz parte do processo de construção do *habitus* racista do brasileiro.<sup>11</sup> Tanto Guimarães (2000) quanto Mello (2005) analisaram as queixas de racismo realizadas em delegacias de São Paulo e do Rio Grande do Sul, respectivamente, e constataram o uso corriqueiro de insultos raciais, tais como macaco, negrão, senzala, entre outros. Também é preciso levar em consideração que, tal como afirma Balibar (1997), não se pode compreender o racismo como um

simples delírio de sujeitos racistas. Essa categoria – delírio – salienta o autor, não pode ser empregada sem correções: de um lado porque ela pode esconder a atividade de pensamento que o racismo sempre contém; por outro, porque a noção de um delírio coletivo está no limite da contradição dos termos.

Vejam agora a estratégia utilizada pelo Grêmio Futebol Porto-Alegrense

## O antirracismo no Grêmio e a conclamação do torcedor miscigenado

O segundo ator, Grêmio, tem importância ímpar pelo valor simbólico que a instituição possui e pelo que representa para uma numerosa torcida. Como chama atenção Van Dijk (2008) o racismo é aprendido e reproduzido pelo discurso dominante que é produzido pelas elites simbólicas, tais como políticos, jornalistas, professores, entre outros integrantes da elite branca. O autor postula que o antirracismo poderia emergir se uma parte dessa elite colocasse em prática uma postura mais liberal, constituindo-se como um grupo de dissidentes étnicos; algo que não costuma ocorrer em razão dos interesses que estão em jogo.

A estratégia do clube tem três elementos principais: a não aceitação do racismo, o apoio à punição de Patrícia e a campanha publicitária contra o racismo. Partindo-se de uma proposição coerente de combate ao racismo, os dois primeiros fatores deveriam convergir, o que significaria a não aceitação de qualquer manifestação de caráter racista que ocorresse nas dependências do clube. Ocorre que é forçoso reconhecer que Patrícia teve o mesmo modo de ação de outros torcedores que frequentam as arquibancadas do clube gaúcho<sup>12</sup>. Além disso, contrariando o discurso de Patrícia que busca desnaturalizar o uso do insulto que proferiu, "aquela palavra macaco", como já mencionamos, é comumente utilizada pelos seus companheiros de torcida contra os torcedores do Internacional, principal adversário do Grêmio. Logo, ainda que os dirigentes do Grêmio tenham se esforçado para afirmar que não aceitam o racismo, são as relações cotidianas que impossibilitam que tal interdição possa se tornar efetiva.

No que diz respeito à estratégia de punição, o clube de futebol não ofereceu qualquer obstáculo para que o caso fosse investigado e os seus dirigentes mostraram-se favoráveis à adoção das medidas legais cabíveis, em havendo condenação à torcedora. No entanto, sabe-se que no Brasil a punição contra

<sup>11</sup> Compreende-se o conceito de *habitus* na acepção de Bourdieu, isto é, enquanto um sistema de disposições de ação que o agente social adquire através de sua experiência no mundo social. O *habitus*, ainda que não seja algo que as pessoas acionem conscientemente, permite a construção de estratégias capazes de adequar as ações a situações objetivas. Isso nos permite entender porque, na maioria das vezes, os agentes sociais assumem posturas nitidamente racistas movidos por um senso prático "[...] que é produto da exposição continuada a condições semelhantes àquelas em que estão colocados, eles antecipam a necessidade imanente ao fluxo do mundo" (BOURDIEU, 1990, p. 23).

<sup>12</sup> A esse respeito ver: "Futebol racista: a discriminação de ontem e hoje". Disponível em: <https://observatorioracialfutebol.com.br/textos/futebol-racista-a-discriminacao-de-ontem-e-hoje/>. Acesso em 10 de maio de 2020.

atos de racismo tem importantes limites. Santos (2015) ao realizar pesquisa junto ao Tribunal de Justiça de São Paulo constatou que a maioria dos inquéritos por injúria ou racismo foi encerrada ainda na fase da investigação, isto é, sequer foram colhidos os elementos necessários para a instauração da ação penal. Quanto aos processos, a autora constatou que, por um lado, há uma desclassificação do crime de racismo, ocorrendo o enquadramento dos casos como injúria racial; por outro, ocorre a decadência dos processos devido a extinção do prazo para propor queixa crime e/ou a rejeição das denúncias por falta de provas materiais do fato. Desse modo, a maior parte dos casos analisados na pesquisa foi encerrada e arquivada sem julgamento em razão da impossibilidade de configurar a existência do crime.

Outra estratégia de combate ao racismo são as ações valorativas que têm por meta combater os estigmas e representações negativas da população negra, através de ensinamentos sobre o valor da diversidade étnica e cultural e respeito às diferenças. No universo futebolístico cada vez mais esse tipo de ação ganha espaço, sobretudo, através de campanhas publicitárias. Em grande medida, elas foram desencadeadas pela reação de um atleta negro, inconformado por ter sido alvo de ofensas racistas e com o silêncio das autoridades esportivas diante da multiplicação de incidentes racistas nos estádios de futebol. No ano de 2013, em partida válida pela Champions League, o jogador negro natural da Costa do Marfim, Yaya Touré, que defendia a equipe do Manchester City, foi hostilizado por torcedores do CSKA Moscou. Toda vez que Yaya Touré tocava na bola ouvia sons de torcedores da arquibancada que imitavam macacos. Indignado o atleta interrompeu o jogo e pediu que o árbitro encerrasse a partida. O pedido não foi atendido. Todavia, isso foi incapaz de provocar qualquer tipo de intimidação a Touré, que utilizou os meios de comunicação para avisar que se acontecimentos como esse tivessem continuidade ele organizaria um boicote dos jogadores e dos torcedores negros ao Mundial de 2018. O presidente da Fifa, Josep Blatter, que já havia inclusive afirmado que ofensas raciais dentro do campo de futebol não deviam ser levadas a sério, pois ao término da partida tudo se acertava com um aperto de mãos; viu-se obrigado a agir. No mesmo ano, a FIFA apresentou novas proposições sobre os casos de racismo e de discriminação no futebol. O Grêmio, como uma das equipes que aprovou essas proposições, deu início a sua campanha antirracismo.

Através dos meios de comunicação, sobretudo impressos, e das redes sociais o clube passou a utilizar as cores do seu uniforme – azul, preto e branco – para reforçar a ideia de mistura e de indistinção racial. Nesse trabalho, focalizou-se o vídeo institucional da equipe gremista empregado para combater o racismo. Essa peça publicitária foi transcrita e, a partir disso, realizou-se a análise retórica do discurso com o objetivo de focalizar a estrutura argumentativa da campanha. Trata-se, portanto, de localizar temas e formas estilísticas que são utilizadas para persuadir o público-alvo.

A peça publicitária tem início com as lamentações do jogador Alex Telles. "Acho isso aí uma coisa muito triste e acho que isso aí não tem mais espaço dentro do futebol, não só no futebol

como na vida". O primeiro elemento que se precisa sublinhar é que o jogador não fala em racismo, preconceito racial ou discriminação racial, demonstrando uma hesitação em falar de forma aberta sobre tais temas e utilizando a expressão "isso aí". Por outro lado, constata-se que o vídeo inicia com um lamento e um testemunho que expressa o desacordo com a realidade, o que pode ser interpretado como uma mensagem do tipo: precisamos acabar com o racismo existente. Aliás, no momento seguinte, tem-se um pedido explícito de mudança, como demonstra o trecho a seguir:

*Somos todos irmãos, somos todos brasileiros e também no mundo acho que todo mundo tem que se tratar igual, porque não tem nenhuma diferença e temos que ter ... todo mundo se juntar para ter um mundo melhor (ALEX TELLES, jogador do Grêmio).*

Pode-se constatar que as razões para a mudança se fundamentam nos seguintes motivos: a) a fraternidade; b) a igualdade; c) a busca por um mundo melhor. Há um apelo a ideias humanistas, mas não se pode negligenciar o fato de que inexistente relação direta entre humanismo e racismo. Para Balibar (1998), há uma relação ambígua entre o racismo teórico e as ideologias humanistas. Esse autor explica que a crítica ao racismo construído a partir de critérios biológicos está na origem da ideia de que o racismo, por definição, seria incompatível com o humanismo. Ocorre que o humanismo valoriza a vida em sentido amplo e o racismo entra nesse processo para valorizar certos valores sociais. Isso permite não apenas a combinação de ambos, mas também a convivência do racismo e do antirracismo simultaneamente. Assim, ainda segundo Balibar, as teorias raciais que pregam a superioridade do homem branco necessariamente associam a esse grupo determinados valores, que estariam ausentes em outros segmentos populacionais.

Já na etapa seguinte, são apresentadas as denúncias de discriminação racial através de exemplos fornecidos por jogadores negros. O atleta Zé Roberto, por exemplo, afirma não ter sido vítima de racismo no futebol, mas somente no mercado de trabalho, quando disputava uma vaga para *office boy* em uma empresa. Já Matheus Biteco conta que foi considerado suspeito dentro de um supermercado onde foi comprar um lanche.

*Quando eu era pequeno, não dentro do futebol, mas fora, junto com meu irmão e meu pai a gente tava no mercado indo comprar, depois de um treino, um lanche e o segurança foi... começou a ir atrás de nós achando que a gente ia roubar ou levar alguma coisa. E a gente só tava lá pra simplesmente comprar um lanche pra matar a nossa fome. Naquele momento então... naquele momento... o meu pai simplesmente xingou o segurança porque naquele momento foi uma coisa de alto racismo, né. Muitas vezes as pessoas negras quando entram ... sofrem isso quando entram em algum lugar, quando entram em algum mercado, sofrem aquele olhar do segurança, achar que vai levar só porque é preto. (MATHEUS BITECO, jogador do Grêmio).*

As denúncias oferecidas pelos jogadores têm importância crucial, mas é importante sublinhar que eles não mencionam situa-



ções de discriminação atuais, isto é, agora que são pessoas públicas e muito bem remuneradas. Destaca-se esse fator, pois há importantes divergências quanto às razões da discriminação sofrida pela população negra. Enquanto que para autores como Fry (2005) e Maggie (1996) ela está relacionada a uma questão de classe social; para outros, tais como Guimarães (1999), ela tem cunho propriamente racial. É igualmente notório o fato de os jogadores não mencionarem qualquer caso de discriminação que tenham sofrido no futebol. Não se coloca em questão a veracidade dos depoimentos. Visa-se tão somente sublinhar que se corre o risco de reforçar a ideia de que os atos de discriminação em relação aos negros ocorrem devido ao pertencimento a uma classe social desfavorecida. O depoimento dos dois atletas remete a episódios que foram vivenciados no passado e, conseqüentemente, pode-se inferir que hoje esses jogadores estão livres desse tipo de problema. É possível ainda supor que de fato no futebol não há espaço para o racismo.

Entre as denúncias de Zé Roberto e Matheus Biteco, o vídeo apresenta ainda uma condenação dos atos raciais, dessa vez realizada pelo jogador Matheus Simonette Bressanelli – conhecido como Bressan:

*Acho uma coisa absurda a gente tratar o ser humano, diferenciado pela cor, pela raça, pela religião. Acho isso uma coisa totalmente absurda. Nos dias de hoje não pode acontecer. Mas infelizmente isso vem acontecendo e isso tem que acabar (BRESSAN, jogador do Grêmio).*

Uma vez apresentada a denúncia e o pedido de que atos de racismo não se repitam, realizado mais uma vez através do apelo a ideias humanistas, o próximo trecho do vídeo apresenta Rui Costa, diretor executivo de futebol do clube, convidando todos os torcedores a se unir a campanha e combater o racismo.

*Eu queria convidar o torcedor do Grêmio a participar da campanha conosco (...). Impedir qualquer manifestação do racismo seja no futebol, seja em qualquer outro ambiente. E nós aqui do Grêmio temos muita preocupação em relação a isso. Futebol não pode de qualquer forma compactuar com qualquer ato de racismo e o torcedor do Grêmio, que é um torcedor miscigenado, que é um torcedor que tem essa característica de torcer para três cores, né, que ele possa estar conosco nessa campanha contra o racismo (RUI COSTA – Diretor executivo de futebol do Grêmio).*

O diretor salienta que o torcedor do Grêmio é miscigenado e está habituado a torcer pelas três cores. Notadamente o termo miscigenação tem um duplo sentido nessa fala: racial e social, ou mais precisamente, futebolístico. Ao que tudo indica essa utilização da ideia de miscigenação busca ampliar a adesão dos torcedores, pois aqueles que não percebem a si próprio como mestiços em termos raciais, poderão fazê-lo enquanto torcedores de uma equipe tricolor. Nos momentos finais do vídeo aparecem jogadores negros afirmando que são preto, branco e a azul; e jogadores brancos afirmando que são branco, preto e azul. A peça publicitária encerra com uma frase de Nelson Mandela:

*Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, por sua origem ou ainda por sua religião. Para odiar as pessoas precisam aprender, e se podem aprender a odiar, podem ser ensinadas a amar (NELSON MANDELLA).*

Assim, a mensagem final da campanha traz a afirmação de que é possível ocorrer uma modificação no comportamento das pessoas, desde que sejam adequadamente ensinadas. A campanha gremista tem méritos inquestionáveis: utiliza ídolos do futebol para oferecer denúncia e fazer apelos contra o racismo. Além disso, o vídeo oferece a perspectiva do grupo ofendido. Como alerta Young (2006), os grupos sociais estruturais não devem ser pensados a partir de uma lógica substancial que essencialize suas identidades, mas sim a partir de uma lógica relacional que compreende os indivíduos como posicionados nas estruturas dos grupos sociais. A ideia de perspectiva social da autora é importante, pois ressalta o fato de que "pessoas diferentemente posicionadas têm diferentes experiências, histórias e compreensões sociais, derivadas daquele posicionamento" (YOUNG, 2006, p. 162). As pessoas interpretam e atribuem significados a ações, eventos, regras e estruturas a partir de suas posições sociais.

Ao mesmo tempo, a imagem do clube e, sobretudo, as cores do time são utilizadas para promover uma reflexão sobre o comportamento dos indivíduos para com a população negra. Já na etapa final do vídeo, além de haver uma convocação para a mudança, há igualmente uma desnaturalização do racismo. A frase de Nelson Mandela pode ser resumida em uma afirmação: ninguém nasce racista. Se analisarmos essa campanha sob a ótica das políticas valorativas ela atinge pleno êxito: coibi, desencoraja, mostra a incoerência dos atos e os seus efeitos negativos.

Por outro lado, do ponto de vista propositivo, há uma insistência na ideia do racismo como algo contrário ao humanismo – como foi demonstrado há um forte apelo as ideias humanistas – e a negação da diferença como estratégia para combater o racismo, trazendo a ideia de miscigenação. O problema é que o antirracismo que se constrói pelas vias do humanismo e da rejeição do funcionamento social da raça possui limites inquestionáveis e quicá insuperáveis. O humanismo foi uma maneira de resolvermos em termos de moral, de valores, de reconciliação, problemas que não se podiam resolver de modo algum. [...] Eu creio que se pode dizer: o humanismo finge resolver problemas que não pode formular (FOUCAULT in LIMA, 2008, p. 85). Já a estratégia de negar o fato social raça acaba por tornar obscura a lógica de acionamento de todo um sistema de dominação e de opressão.

## Considerações finais

O futebol foi se transformando em um importante veículo de integração simbólica da população negra à nação brasileira. Todavia, como chama atenção Ortiz (2012), o mito das três raças e as ideias dele derivadas, que serviram de legitimação para essa integração, fornece um padrão interpretativo das nossas relações raciais, que nega a especificidade dos diferentes grupos. Tem-se então um racismo assimilacionista que conserva toda a carga

de opressão, preconceito e discriminação contra o negro e ainda constrói uma imagem de si de maior sociabilidade (RIBEIRO, 1995, p. 225). Deve-se, portanto, sublinhar que a ideologia da democracia racial viabiliza o funcionamento de um sistema de anabolismo que opera em dominância. Não se tem um sistema de segregação institucionalizado, mas convive-se com um conjunto de normas e regras que atuam desde os interstícios até as estruturas mais formais da nossa sociedade. Assim, as relações raciais, desde as interações cotidianas, passando pelo futebol e chegando até o sistema político, são submetidas ao paradigma do racismo cordial.

O que se procurou evidenciar nesse artigo é que em razão da extraordinária capacidade do racismo brasileiro de desqualificar a questão racial, mesmo em casos de flagrante desobediência às regras de cordialidade e convivência harmoniosa é possível encontrar justificativas que negam a existência de um processo de racialização. Ao mesmo tempo, a campanha gremista nos permite constatar que se faz necessário encontrar formas de ressignificar ideias e valores já bastante arraigados para que o antirracismo possa de fato redefinir o padrão das relações raciais.

## Referências bibliográficas

- BALIBAR, É. 1998. Racisme et Nationalisme. In: É. BALIBAR; I. WALLERSTEIN. *Race, nation, class. Les identités ambiguës*. Paris, La Découverte, p. 37 – 68.
- BANDEIRA, G. A. 2010. Um currículo de masculinidades nos estádios de futebol. *Revista Brasileira de Educação*, v. 15: 342 – 410. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782010000200010>
- BOURDIEU, P. 1990. *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 234 p.
- DAMATTA, R. 1982. Esporte na sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro. In: R. DAMATTA (org.). *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro, Pinakhotekte, p. 19 – 42.
- DAMO, A. S. *Futebol e identidade social: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes*. Porto Alegre, Ed. da UFRGS, 159 p.
- FILHO, M. 1964. *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro, Ed. Civilização Brasileira, 402 p.
- FOUCAULT, M. 1986. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro, Forense, 254 p.
- FRAGA, G. W. 2011. Futebol, imprensa e ditadura: das formiguinhas de Geisel a abertura de Telê. In: XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. São Paulo, 2011, *Anais ...* São Paulo, ANPUH: 1 – 17.
- FRY, P. 2005. Feijoada e soul food 25 anos depois. In: P. FRY. *A persistência da raça. Ensaios antropológicos sobre o Brasil e a África austral*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, p. 146 – 166.
- GEBARA, A. 2002. História do esporte: novas abordagens. In: M. PRONI; R. LUCENA (orgs.). *Esporte: história e sociedade*. Campinas, Autores Associados, p. 5 – 30.
- GUEDES, S. 1998. *O Brasil no campo de futebol: estudos antropológicos sobre os significados do futebol brasileiro*. Niterói, Eduff, 136 p.
- GUIMARÃES, A. 1999. *Classes, Raças e Democracia*. São Paulo, Ed. 34, 231 p.
- GUIMARÃES, A. A. 2000. O insulto racial: as ofensas verbais registradas em queixas de discriminação. *Estudos Afro-Asiáticos*, (38): 31-48. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0101-546X200000200002>
- HOBSBAWM, E. 1990. *Nações e nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 230 p.
- IÑIGUEZ, L. 2004. A análise de discurso nas ciências sociais: variedades, tradições e práticas. In: L. IÑIGUEZ (coord.). *Manual de análise do discurso em ciências sociais*. Petrópolis, RJ, Vozes, p. 50 – 104.
- LIMA, M. C. 2008. O humanismo crítico de Edward W. Said. *Lua Nova*, 73: 71 – 94. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-64452008000100004>
- LOPES, T. 2014. Torcedora que ofendeu Aranha pede perdão e afirma: não sou racista. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/rs/noticia/2014/09/torcedora-que-ofendeu-aranha-quebra-silencio-e-fala-imprensa.html>. Acesso em: 20 de maio de 2020.
- MAGGIE, Y. 1996. "Aqueles a Quem foi Negada a Cor do Dia": As Categorias Cor e Raça na Cultura Brasileira. In: M. MAIO & R. SANTOS (org). *Raça, Ciência e Sociedade*. Rio de Janeiro, FIOCRUZ/CCNN, p. 225 – 234.
- MARANHÃO, T. 2006. "Apolíneos e dionísios" – o papel do futebol no pensamento de Gilberto Freyre a respeito do "povo brasileiro". *Análise Social*, vol. XLI (179): 435-450.
- MELLO, L. G. 2015. Discriminação em palavras: as queixas de racismo no mercado de trabalho gaúcho. *Afro Ásia*, 51: 311 – 338. DOI: <https://doi.org/10.9771/aa.v0i52.21889>
- ORTIZ, R. 2012. Da raça à cultura: a mestiçagem e o nacional. In: R. ORTIZ. *Cultura Brasileira e identidade nacional*. São Paulo, Brasiliense, p. 36 – 44.
- PERETTI, D. 2007. Paixão premiada: torcedores fizeram loucuras para ir ao Japão. Disponível em: <http://www.clicrbs.com.br/eleicoes2008/jsp/default.jsp?uf=1&local=1&action=noticias&tid=1710086&tsection=Not%EDcias>. Acesso em: 08 de maio de 2020.
- PRONI, M. 2002. Brohm e a organização capitalista do esporte. In: M. PRONI; R. LUCENA (orgs.). *Esporte: história e sociedade*. Campinas, Autores Associados, p. 31 – 61.
- RIBEIRO, D. 1995. *O povo brasileiro. A formação e o sentido do Brasil*. São Paulo, Cia. das Letras, 358 p.
- RIBEIRO, D. 2015. A vingança de Barbosa: a luta do goleiro negro por respeito. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/a-vinganca-de-barbosa-a-luta-do-goleiro-negro-por-respeito/>. Acesso em 09/06/2020.
- RODRIGUES, F. 1998. Racismo cordial. In: C. TURRA & G. VENTURI (orgs). *Racismo cordial. A mais completa análise sobre o preconceito de cor no Brasil*. São Paulo, Editora Ática, p. 11 – 55.
- SANTOS, G. A. 2015. Nem crime, nem castigo: o racismo na percepção do judiciário e das vítimas de atos de discriminação. *Revista de Estudos Brasileiros*, 62: 184 – 207. DOI: 10.11606/issn.2316-901X.v0i62p184-207
- SOARES, A. 2001. História e a invenção de tradições no futebol brasileiro. In: R. HELAL; A. SOARES; H. LOVISOLO. *A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria*. Rio de Janeiro, Editora Mauad, p. 13 – 35.
- TELLES, E. 2003. *Racismo à brasileira: uma nova perspectiva sociológica*. Rio de Janeiro, Relume Dumará, Fundação Ford, 347 p.
- VAN DIJK, T. 2008. Introdução. In: T. VAN DIJK, (Org.). *Racismo e discurso na América Latina*. São Paulo, Contexto, p. 11 –24.
- YOUNG, I. M. 2006. Representação política, identidade e minorias. *Lua Nova*, 67: 139 – 190. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-64452006000200006>

Submetido: 10/08/2020

Aceite: 29/06/2021